

## Ensaio

### **MULHERES CONTRA O MACHISMO, MULHERES CONTRA O CAPITAL! O TRABALHO COMO CAMINHO PARA ENTENDER O PATRIARCADO**

Women against machinery, women against capital! work as a way to understand the patriarchy  
Daisy Luzia do Nascimento Silva-Caetano. Instituto Federal de Goiás Câmpus Senador  
Canedo, Brasil. [daisy.caetano@ifg.edu.br](mailto:daisy.caetano@ifg.edu.br)

Recebido: 20/02/2018 Aceptado: 27/03/2018

## **INTRODUÇÃO**

A estrutura patriarcal da sociedade capitalista é realidade em todo o mundo. A realidade brasileira, portanto, pode ser mais um exemplo para sobre este assunto. Sendo assim, para dissertar sobre o patriarcado é necessário compreender que existe uma estrutura social conformada em que os homens são detentores de poder em detrimento das mulheres (DELPHY, 2009).

As pessoas e, sobretudo, as mulheres que se colocam publicamente nos espaços públicos e privados como feministas estão em luta contra o patriarcado e também contra o machismo que ganha vida como um desdobramento, um produto deste patriarcado. Mas pouco se fala de patriarcado. Nas ruas, nos livros, nos filmes, na vida cotidiana este elemento social não é desnudado. Da mesma forma, o machismo também fica velado como conceito, enquanto o preconceito, que lhe é essencial continua à solta.

Heleieth Saffioti (2004, p.56) adverte: “colocar o nome da dominação masculina – patriarcado – na sombra significa operar segundo a ideologia patriarcal, que torna natural essa dominação-exploração”. Em um movimento de rompimento com o silêncio e forçando a desmistificação da naturalidade da dominação das mulheres pelos homens, é que pretende-se então abordar o patriarcado, atentando-se à intrínseca relação entre patriarcado e capitalismo.

O capitalismo, grosso modo, é um sistema de exploração dos pobres pelos ricos, da classe trabalhadora pela classe burguesa detentora dos meios de produção. E o patriarcado, de forma aligeirada pode ser explicado como a exploração e desumanização das mulheres pelos homens. Fala-se de exploração em ambos os conceitos e por isso é tão conveniente dentro do sistema capitalista a manutenção do patriarcado e a hierarquização de pessoas, transformando diferenças em desigualdades, afinal desigualdade também é uma marca capitalista por excelência.

## **DESENVOLVIMENTO**

*Trabalho e patriarcado no capitalismo*

O trabalho é conceito central para o entendimento do capitalismo (ANTUNES, 2009) e por isso segue sendo tão importante para as pesquisas que se pretendem anticapitalistas, uma vez que negar a importância do conceito de trabalho é contribuir para o fortalecimento do capitalismo.

Helena Hirata (2009) no Dicionário Crítico do Feminismo e remetendo aos estudos de Marx apresenta que a noção moderna de trabalho remete a uma dupla definição, quais sejam: uma, que remonta ao sentido ontológico do trabalho como criador das pessoas na transformação da natureza e outra, que reinterpreta a primeira ao problematizar as condições da transformação da natureza através do trabalho que ultrapassa a relação ontológica homem-natureza e cria uma relação de exploração homem-homem. Hirata (2009, p. 252) aponta, todavia, a insuficiência desta dupla definição:

Primeiro, porque parte de um modelo assexuado de trabalho. O sujeito do trabalho – o homem – é apresentado nessa definição como universal [...] ela também é problemática de de outro ponto de vista [...]. As relações homem-natureza tendem a ser naturalizadas e fixadas como uma base imutável da produção da vida humana, enquanto as relações sociais – as condições sociais do trabalho- são historicizadas. Sendo assim, essa dupla definição não pode ser pertinente, se considerarmos as relações historicamente, que é o que torna possível considerar o sexo social.

Concordando com Hirata (2009) as trocas entre homem e natureza são pontuais para atender determinados objetivos e os homens de que se tratam na transformação da natureza são homens e mulheres. Sendo assim, é pertinente que a categoria trabalho esteja em voga e que seja contextualizada para que, como explica Elisabeth Souza-Lobo (2011) se explicita que a classe operária tem dois sexos<sup>1</sup>.

O patriarcado, por sua vez, pode ser conceituado de várias formas. E o trabalho é uma importante chave neste processo de entendimento, por isso, pretende-se aqui aplicar o trabalho como um caminho para o entendimento do patriarcado.

Apoiando Saffioti (2004), inicia-se a apresentação do conceito apelando no momento, para Hartmann (1979), “definindo-se patriarcado como um pacto masculino para garantir a opressão das mulheres. As relações hierárquicas entre os homens, assim como a solidariedade entre eles existente, capacitam a categoria constituída por homens a estabelecer e a manter o controle sobre as mulheres”.

Esta definição impulsiona o pensamento sobre o patriarcado para a prática, a dizer-se da solidariedade masculina para se beneficiar da opressão das mulheres que as mantem sob submetidas a eles nos espaços públicos e privados. O patriarcado se estabelece e se reproduz por meio da cultura, de modo a tentar usar a própria cultura como justificativa –

---

<sup>1</sup> Neste artigo sexo é trabalhado como sexo social e/ou gênero, como abordado por Mathieu (2009), em que gênero trata-se de uma construção social que não relaciona-se diretamente com a bicategorização dos sexos anatomofisiológicos ou sexos biológicos.

inútil – para ações e imposições próprias do machismo e das questões de gênero. Existem fatos sociais que confirmam a submissão do gênero feminino ao masculino, mesmo em situações nas quais as mulheres ocupam importantes funções na estrutura familiar e/ou profissional.

E é por isso que o trabalho pode ajudar no entendimento do patriarcado e da luta feminina contra as opressões. E é por isso, que na organização da luta das mulheres nas ruas, nas organizações políticas, nas escolas, nos espaços domésticos e em qualquer espaço a luta contra o patriarcado e o machismo deve ser também uma ofensiva contra o capital, que em sua forma atual ganha vida com o sistema capitalista. As questões da opressão e da hierarquia econômica que mercantiliza as vidas são inerentes ao capitalismo e, por isso, as mulheres que são subalternizadas pelos homens e pelo capital nos espaços públicos e privados de diferentes formas e em diversas intensidades se organizam em luta feminista e classista.

É importante ressaltar que “a mulher das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social”, como ensina Saffioti (2013, p.61). Desta forma, a mulher da classe trabalhadora, com destaque para as mulheres negras, sempre estiveram a frente do trabalho e sempre foram ativas na manutenção de suas famílias. Saffioti (2013, p. 62) explica ainda que na época medieval em que as famílias atuavam como unidade de produção as mulheres e também as crianças tinham papel econômico importante.

O desenvolvimento do capitalismo apropriou-se do fato de que, embora muito importantes economicamente no período medieval, as mulheres só eram reconhecidas como felizes do ponto de vista pessoal por meio do casamento (SAFFIOTI, 2013). Pode-se dizer, que o trabalho feminino entra em desvalorização, embora jamais deixe de existir, para que exista uma hierarquização econômica do trabalho assalariado no capitalismo após a revolução industrial. Sendo que esta diferença segue até este início de século XXI.

As desigualdades combinadas entre capitalismo e patriarcado são visíveis no âmbito socioespacial, no campo e na cidade. As funções delegadas às mulheres são sempre as mesmas e são aquelas que tem algum tipo de vínculo com o cuidado, e por conseguinte, se aproximam das tarefas do espaço privado. Importante lembrar que estas não são tarefas desimportantes para a família, uma vez que caso seja retomado o exemplo da família como unidade de produção tem-se que todas as tarefas têm igual nível de importância para que a unidade funcione ativamente.

A questão de separar tarefas para homens e tarefas para mulheres é a hierarquização e consequente inferiorização das atividades femininas que é realidade no capitalismo. As ocupações femininas, ou seja, as ocupações mais feminizadas são as mais precarizadas, as menos valorizadas socialmente e as que possuem os mais baixos salários. E isso ocorre até mesmo nas famílias da classe trabalhadora em que o salário e o trabalho da mulher é muito importante para o bom funcionamento da casa.

Esta inferiorização do trabalho das mulheres não é algo simples, é algo que resvala na vida das mulheres pela combinação patriarcado e capitalismo. É a manifestação do machismo. Cabe destacar que o machismo é um produto do patriarcado, sendo que o patriarcado é uma estrutura, e o machismo é uma consequência dele. O capitalismo se apropria, enquanto sistema da estrutura do patriarcado para gerar as inúmeras desigualdades do trabalho, tanto das classes, como de gênero e de raças. O capitalismo, assim, hierarquiza pessoas, raças, gêneros e classes, escalonando assim os mesmos, e gerando grandes lócus de aplicação da exploração social de classes, por meio de opressões.

#### *Movimentos de Mulheres contra as Opressões*

Se a vida no capitalismo ocorre no palco da sociedade de classes, é necessário o reconhecimento de tal situação por quem está no estrato inferior, pela classe trabalhadora em oposição à burguesia capitalista. Neste movimento de reconhecimento as mulheres por serem um dos grupos oprimidos pela combinação patriarcado e capitalismo, por vezes se juntam em lutas. Não obstante todas as divergências teóricas e de ações existente dentro do feminismo, ou melhor, dos feminismos, é indiscutível a força e a organização do movimento feminista e suas pautas comuns na sociedade brasileira e no mundo.

Portanto, ainda que o feminismo tenha nascido em um contexto em que cabem várias críticas pois faltava pensar na luta contra o capitalismo, contra o racismo e outros tipos de opressão, hoje o movimento feminista é plural e engloba a luta contra o patriarcado em conjunto com diversas outras opressões sofridas pelas mulheres, com destaque para a participação de mulheres cis e trans<sup>2</sup>.

Com a onda conservadora instalada no Brasil e no mundo em um momento de crise do capital, as mulheres saem à rua, botam a boca nos trombones e microfones, questionam suas famílias, suas chefias e o sistema, fortalecem umas às outras e se conectam física e virtualmente. As mulheres gritam contra as opressões, contra o machismo, contra o capitalismo.

---

<sup>2</sup>Mulheres cis (podendo ainda ser denominadas cisgêneros) são aquelas em que o sexo biológico tem relação com o gênero. Mulheres trans (podendo ainda ser denominadas transgêneros) são aquelas em que o sexo biológico não tem relação com o gênero.

Um bom exemplo recente a ser dado para essa ocupação das ruas são as chamadas “marcha das vadias”<sup>3</sup> e suas derivações, como a “marcha das libertas”. É possível se atrever a dizer que até mesmo o oito de março, data histórica de ocupação das ruas foi renovado após o início destas marchas. Isso porque desde o início das marchas ocorreu um chamado às mulheres mais jovens para a manifestação acerca das pautas das mulheres, reforçado pelo aparato virtual de mobilização e aglutinação por interesses comuns. Ainda é possível afirmar que esta movimentação também garantiu mais força e criatividade na forma de organização às lutas contra medidas conservadoras dos governos, haja vista as manifestações brasileiras de “Mulheres contra Cunha”<sup>4</sup> e “Mulheres contra a PEC 181”<sup>5</sup>, ou mesmo a “Marcha das Mulheres contra Trump”<sup>6</sup> nos Estados Unidos.

Camila Galetti (2014) acredita que as marchas das vadias retomam muitos pontos da pauta da chamada segunda onda do feminismo na luta pelos próprios corpos com o tema “meu corpo, minhas regras”, pelo direito ao aborto legal e seguro, pelo direito à sexualidade e o combate à dicotomia “santa *versus* puta” em que a mulher precisa se encaixar socialmente em um desses dois papéis.



<sup>3</sup>As marchas das vadias surgem a partir de uma “slut walk” ocorrida no Canadá como protesto após uma palestra ocorrida em que a orientação dada para as mulheres para que elas não se tornassem vítimas de estupros foi de que elas não se vestissem como “sluts”, traduzida em português livre, como “vadias”. Os protestos se espalharam no mundo em virtude da liberdade das mulheres e com o intuito de mostrar que a culpa de um abuso sexual não é da vítima. Juntamente a isto, muitas bandeiras feministas foram rerepresentadas à sociedade.

<sup>4</sup>As manifestações “Mulheres contra Cunha” ocorreram em diversas cidades brasileiras em novembro de 2015, sobretudo porque o deputado Eduardo Cunha, então Presidente da Câmara, apresentou um projeto de lei que dificultava o acesso ao aborto legal no país caso fosse aprovado.

<sup>5</sup>Os protestos “Mulheres contra a PEC 181” ocorreram em novembro de 2017 contra um projeto de emenda constitucional que visa proibir qualquer tipo de aborto legal no país.

<sup>6</sup>As Marchas de Mulheres contra Trump foram uma onda de manifestações ocorridas em janeiro de 2017 e 2018 contra a agenda ultraconservadora implementada pelo Presidente Donald Trump nos Estados Unidos.

**Imagem 1: Marcha das Vadias, Cidade de Goiás/GO/Brasil, 2013.**

É possível concordar com Galetti (2014) e avançar ao entender que as marchas também abriram um leque de possibilidades para as lutas contra as opressões e para que o feminismo tomasse uma forma classista como explanado acima, de forma que essas lutas sejam indissociáveis. Na Imagem 1, por exemplo, está ocorrendo a “marcha das vadias”, em que uma mulher segura um cartaz identificando o movimento, é possível ainda visualizar um cartaz que identifica a luta contra a opressão de gênero e um outro em que se exige o direito ao próprio corpo dizendo que “não quer dizer não”, ao fazer alusão às investidas masculinas que avançam, assediam e estupram mesmo diante da negativa da mulher. Nesta imagem é possível ver ainda que há outros cartazes, há homens e mulheres na marcha e ainda há uma mulher literalmente com a boca no trombone.

As manifestações das mulheres nas ruas são plurais e são também espaço de formação para aquelas e aqueles que estão ali ou a assistem. Portanto, o que é exposto nos cartazes e nos corpos são reivindicações, desejos, aspirações e também se traduzem em uma tentativa de problematização e formação.



**Imagem 2: Marcha das Vadias, Cidade de Goiás/GO/Brasil, 2013.**

Nesta outra imagem de marcha é possível identificar cartazes que problematizam os padrões de beleza. Ao propagar que “mulher bonita é mulher que luta” existe a contestação do modelo ideal de beleza para a mulher, que costuma passar pelo que é ditado pela indústria capitalista que coloca a mulher branca, magra, heterossexual e com roupas caras como um padrão de beleza ideal. Neste caso toda mulher que contesta e que se engaja na luta é bonita, independente de seu corpo, cor, origem social, orientação sexual e outras características.



A imagem 2 também mostra um cartaz que diz “não quero pagar meia nas suas festinhas”, num enfrentamento com as festas em que há valores diferentes para homens e mulheres ou em que mulheres não pagam. Este tipo de organização para o lazer é muito comum no Brasil e as organizações de festas justificam a diferença de preço dizendo que assim a festa estará cheia de mulheres e que assim mais homens vão procurar por aquele evento. Além disso facilitam o acesso de mulheres mais novas que não possuem renda própria. Nesta linha muitos eventos também liberam algum tipo de bebida para as mulheres dentro de determinado espaço de tempo. E este cartaz contesta esta forma de desconto ou liberação de pagamento porque as mulheres via de regra são fetichizadas nestes espaços, desrespeitadas, assediadas. Ademais, a diferença salarial entre homens e mulheres no Brasil não se resolve com este tipo de atitude, diferença esta que, segundo o Censo do IBGE (2010), as mulheres brasileiras recebem 67,7% dos rendimentos masculinos.

Em um exemplo de marcha, existem vários tipos de manifestações por onde ela passa e também onde ela se concentra. Há sempre o momento da concentração em que as mulheres e homens apoiadores preparam o material, discutem e/ou informam o trajeto e a ordem para falas públicas em trombones e/ou microfones e/ou para a ordem de baterias e instrumentos musicais. Essas concentrações pré-marchas fortalecem o vínculo e o sentido das marchas e possibilitam um intercâmbio entre mulheres e homens que se conheciam anteriormente ou não. A preparação dos cartazes envolve a discussão sobre temas e a melhor forma de exposição rápida, bem como pode ser uma ideia de apenas uma mulher. Os temas dos cartazes e da pintura dos corpos envolvem símbolos feministas e demandas convergentes dos feminismos. Por vezes, alguns temas entram em divergência, mas nada que dê opacidade ao belo momento de construção e marcha pela cidade em favor da vida das mulheres. E assim, as marchas seguem pela cidade.

A imagem 3 mostra justamente um momento da marcha em que ela está andamento no centro da cidade. É possível ver um outro cartaz de marcha em que está escrito “nossas correntes podem não serem as mesmas, mas não serei liberta enquanto todas não estiverem”. A frase do cartaz muito provavelmente faz referência a frase da célebre feminista negra e lésbica Audre Lorde, que diz “Não serei livre enquanto alguma mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas”. Audre Lorde foi uma das precursoras do feminismo interseccional e, segundo Patricia Anunciada (2015) ela “desafiou feministas brancas, questionando seu ponto de vista sobre questões raciais, e se tornou uma voz lésbica negra isolada dentro do movimento feminista, apontando as opressões a que as mulheres brancas submetiam as mulheres negras”. Logo, a crítica apresentada pelo cartaz e por Lorde é no sentido da inclusão de todas as pautas que dizem respeito às

mulheres no feminismo, enfatizando a causa da mulher negra, que por vezes é invisibilizada na sociedade, sendo que se for retomada a questão salarial no Brasil teremos que embora, de forma geral, as mulheres têm menores salários que os homens, as mulheres negras ocupam a base da pirâmide salarial com os piores salários. Portanto, como uma bandeira dos feminismos, há a necessidade de se lutar pela igualdade salarial, de classe e raça, sendo por estes motivos mais uma vez dada a importância da categoria trabalho para a compreensão do patriarcado em um contexto capitalista.



Imagem 3: Marcha das Vadias, Goiânia/GO/Brasil, 2015.

Palavras de ordem são chamadas específicas para temas concernentes à luta e normalmente são chamadas e repetidas pelas pessoas que marcham, ou ainda podem estar nos cartazes. E elas são de várias tendências, com grande marcação dos temas apontados por Galetti (2014). Assim, o classismo, a luta contra o capital e um feminismo que luta não só contra o patriarcado está estampado nas marchas. A imagem 4 apresenta um pouco deste anseio dentro da pluralidade da marcha, em que uma mulher segura um cartaz com os dizeres: “por um feminismo classista”. Este cartaz pode traduzir os anseios de um grupo específico de mulheres acerca do feminismo, bem como também marca uma posição acerca de um ponto de vista que também existe dentro da marcha.



Carla Gomes e Bila Sorj (2014) exploram o movimento feminista no Brasil a partir de análise da marcha das vadias pensando a gama de identidades políticas, diferentes graus de institucionalização e diversos modos de expressão, além de pensar a questão geracional entre as mulheres e o modo como a questão da diversidade e inclusão de gênero, raça, sexualidades e a questão geracional vem sendo tratada. Despreendendo-se das questões de ondas de feminismo, Gomes e Sorj (2014) analisam as continuidades e as mudanças no feminismo através das gerações. Sem falar das diferenças de classe, elas apontam, no entanto, as questões de representatividade das marchas das vadias e as especificidades das mulheres negras que podem ou não se sentirem representadas na composição das marchas.



Imagem 4: Marcha das vadias, goiânia/go/brasil, 2014.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar, portanto, que o debate que engloba a luta contra o patriarcado liga-se aos feminismos e ao movimento feminista. Do ponto de vista apresentado, não há como travar enfrentamento ao patriarcado sem fazer o mesmo com o capital. Isto não significa ignorar os diversos pontos de vista que podem ser problematizados, mesmo porque a ideia não é encerrar o debate, mas sim torna-lo profícuo.

No que diz respeito a organização da luta, acredita-se, pelo exposto que o enfrentamento ao capital e ao patriarcado por parte das mulheres organizadas é importante, já que o trabalho é categoria central para a explicação do capital e também um caminho para entender o patriarcado em sua atual configuração com o sistema de produção. Por isso, fica como mensagem uma palavra de ordem: “Mulheres contra o machismo, mulheres contra o capital, mulheres contra o machismo e o capitalismo neoliberal”.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Antunes, R. (2009). *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo.

Anunciada, P. (s/d). A poesia de Audre Lorde. Disponível em <https://www.geledes.org.br/a-poesia-de-audre-lorde/>

BRASIL. IBGE. (2010). Censo Demográfico. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

Delphy, C. (2009). Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, H. et al. *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: UNESP.

Galetti, C.C. H. (2014) Feminismo em movimento: a marcha das vadias e o movimento feminista contemporâneo. In: *Anais do 18 Redor*. Recife.

Gomes, C.; SORJ, Bila. (2014). Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. *Sociedade e estado*, vol.29, n.2, pp.433-447. ISSN 0102-6992. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000200007>.

Hirata, H. (2009). Trabalho. In: HIRATA, H. et al. *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: UNESP.

Mathieu, N.C. (2009). Sexo e Gênero. In: HIRATA, H. et al. *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: UNESP.

Saffioti, H. (2004). *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Saffioti, H. (2013) *A mulher na sociedade de classes*. São Paulo: Expressão Popular.

Souza-Lobo, E. (2011). *A classe operária tem dois sexos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.